



L I V R O D O M Ê S

Dupla trapaça

A mulher de um dentista
está morta. Parece
suicídio. Mas o
caso é bem mais sinistro.

P O R A N N R U L E

DE "TOO LATE TO SAY GOODBYE"

Jennifer Corbin era uma dessas pessoas de quem quase todo mundo gosta, provavelmente porque ela gostava de todos. Alta, loura e bonita, essa mãe de 33 anos pensava nos outros antes de pensar em si. E fazia de tudo para manter felizes os filhos pequenos.

Casados havia mais de oito anos, Jenn e o marido, Bart Corbin, pareciam ter tudo: dois filhos saudáveis, uma linda casa em Buford, na Geórgia, um bom casamento, profissões admiradas (Bart era dentista e Jenn lecionava na pré-escola de uma igreja metodista). Mas fendas minúsculas vinham penetrando o alicerce do casamento. No outono de 2004, decidiram se divorciar e Bart passou a dormir num quarto separado.

Às sete e meia da manhã de sábado, 4 de dezembro de 2004, Steve e Kelly Comeau, que moravam em frente, foram surpreendidos por alguém que batia à sua porta. Ainda estavam na cama. Quando Steve atendeu, olhou para baixo e viu Dalton Corbin, 7 anos, ali de pé, de pijama. Seu rosto estava vermelho e ele chorava.

“Minha mãe não está respirando”, disse o menino. “Meu pai atirou nela. Preciso que o senhor ligue para a polícia.”

Embora cético, Steve ligou, enquanto Kelly seguia Dalton para ver o estado da amiga e vizinha. Duvidava que o garoto tivesse, de fato, assistido à cena que descrevera.

A porta da garagem dos Corbins estava aberta, então Kelly entrou correndo. Encontrou a porta da cozinha destrancada e seguiu pelo corredor na direção do quarto do casal, com Dalton e o irmão mais novo, Dillon, em seu encalço.

No quarto, encontrou Jenn deitada na diagonal sobre a cama. Era uma posição estranha. Sentindo um tremor percorrer-lhe o corpo, Kelly estendeu a mão para tocar o ombro direito de Jenn. Estaria dormindo? Kelly apertou com mais força. Não sentiu-lhe o pulso. A carne estava fria.

Jenn não respirava. Kelly viu algumas gotas de sangue pingando do nariz e manchas vermelhas na roupa de cama. Viu o que parecia ser uma coronha de pistola debaixo da colcha. Sentindo-se como num pesadelo, Kelly deu um passo para trás, com cuidado para não tocar em nada.

“Ela já estava morta”, diria mais tarde ao investigador. Jenn era uma mulher saudável e vibrante. Não havia o menor motivo para estar com



Duas vidas inocentes foram dilaceradas quando Jenn Corbin, mãe de Dalton e Dillon (acima), foi encontrada morta em casa.

uma arma de fogo na cama. Por mais chocada que estivesse pelo que presenciava, o pensamento de Kelly voltou-se para os meninos. Sempre tinham sido a maior preocupação de Jenn. E agora Dalton e

Dillon estavam sem mãe. Sentiu um aperto no coração.

Correu de volta para casa, levando os dois meninos, e logo ouviu o ruído das sirenes. Só então se deu conta, enquanto tentava consolar as crianças, de que ela própria podia ter corrido perigo ao entrar na casa dos Corbins. E percebeu outra coisa também: não vira Bart.

Segredos ameaçadores

Um dia, já com muito tempo de casados, Jennifer Corbin perguntou à irmã e confidente, Heather:

– Você alguma vez já se perguntou o que o seu marido fazia ou com quem andava antes de vocês se conhecerem?

Ao que Heather respondeu:

– Não. Eu sei como era a vida de Doug.

– Pois eu não sei como era a de Bart – comentou Jenn.

Ela conhecera o marido em 1995, quando ele tinha 31 anos e ela 24, mas

A escritora e *best-seller* Ann Rule, ex-policial, tem mais de 24 livros publicados.



Dolly Hearn, estudante de Odontologia, foi achada morta em seu apartamento em 1990 – o que pareceu suicídio. Haveria ligação com a morte de Jenn?

não sabia nada a respeito de sua vida pessoal ou afetiva antes disso. Sempre que ela lhe perguntava sobre o passado, ele desviava o olhar.

A princípio, isso não a incomodou. Belo e moreno, Bart era alto – tinha 1,90 m, oito centímetros a mais do que ela, algo que Jenn apreciava muito. Ele trabalhava como dentista e parecia um solteiro cobiçado.

Haviam se conhecido no Barnacles Oyster Bar, em Duluth, onde ela trabalhava temporariamente como garçonete e *barwoman* enquanto tentava descobrir o que fazer com o diploma universitário.

Como a maioria das pessoas, Jenn havia se sentido atraída pelo senso de humor de Bart. Ele era capaz de fazer um comentário espirituoso sobre quase qualquer coisa. Começaram a sair, e Jenn estava empolgada. Quando o apresentou aos pais, Max e Narda Barber ficaram satisfeitos, observando que ele parecia gostar da filha. Max só achou um aspecto desagradável: a conversa de Bart era pontuada por muitos palavrões.

Semanas depois que Jenn e Bart foram para a Itália de férias, Jenn ligou para a mãe e perguntou se ela estava sentada. Conforme Narda se recordaria mais tarde, a filha disse: “Bart e eu tomamos uma decisão... E eu estou grávida.” E acrescentou: “Vamos nos casar e ter o bebê!”

Narda ficou feliz. “Jenn disse que queria um casamento marcante. E, de alguma maneira, conseguimos isso em seis semanas: uma festa ao ar livre, com violinos e tudo o mais.” O casamento foi no dia 1º de setembro de 1996.

O que nem Jenn nem sua família sabiam era que Bart andava saindo com uma mulher casada, mãe de dois filhos, que ele havia conhecido no consultório. Segundo boatos, também vinha se encontrando com uma outra, 20 anos mais velha do que ele. Bart continuou saindo com a mulher mais nova enquanto estava casado. Outro detalhe que Jenn não sabia: durante os anos de estudo na Faculdade de Medicina da Geórgia, Bart havia ficado conhecido por ter pavio curto. Colegas de turma diziam que ele era imprevisível e que qualquer coisa podia fazê-lo explodir. Um deles recordava-se de quando Bart atirara seu trabalho prático contra uma parede, estilhaçando-o.

Outros se lembravam da sua arrogância. “Bart se considerava superior aos outros”, disse um colega. Essa atitude era um balde de água fria para a maioria das mulheres que conhecia. Mas não para Dolly Hearn, que cursava um ano antes dele na faculdade de Odontologia. Dolly tinha traços delicados, olhos e cabelos negros, e era um dos segredos que Bart guardava de Jenn. Bart e Dolly haviam namorado durante dois anos, mas, quando ela tentou terminar o relacionamento, Bart passou a persegui-la, recusando-se a aceitar que a perdera. Embora houvesse pedido ajuda à polícia e procurado o apoio de outras pessoas, a vida de Dolly degingolou a partir daí.

No dia 6 de junho de 1990 Dolly foi encontrada morta em seu apartamento, com um ferimento a bala do lado direito da cabeça. Parecia suicídio.

Bart foi interrogado exaustivamente. Além do recente histórico de assédio, já havia arrombado o apartamento de Dolly e quase destruído o carro dela. O pai de Dolly, o Dr. Carlton Hearn, contou aos investigadores que Bart Corbin havia causado sérios transtornos à filha em seus últimos nove meses de vida. “Seria bom verificar os antecedentes dele”, advertiu Carlton. Este e a mulher, Barbara, acreditavam que a causa da morte de Dolly seria mudada para homicídio doloso com o decorrer das investigações, e que Corbin seria indiciado pelo crime.

Mas isso não aconteceu. Em 1990, o departamento de polícia local não tinha peritos especializados em estudar vestígios de sangue. A arma usada para atirar em Dolly havia sido removida antes que pudesse ser tirada qualquer fotografia da cena do crime, tornando quase impossível reconstituí-la. Embora as perguntas tenham permanecido sem resposta, o caso de Dolly foi oficialmente encerrado: para o departamento de polícia, suicídio; para o médico-legista, “indeterminado”.

Os pais de Dolly contrataram um detetive particular para continuar a investigação. E ele encontrou várias pessoas que tinham ouvido Bart Corbin revelar seu desejo de fazer alguma maldade com Dolly depois que ela terminou com ele.

“Tentei ligar para a polícia...”

Na manhã de 4 de dezembro de 2004, dois policiais vasculharam a casa dos Corbins e mandaram a equipe de emergência entrar. A equipe encontrou o quarto do casal exatamente como Kelly Comeau havia relatado. A mulher deitada na cama tinha um único tiro atrás da orelha direita. A palma da mão achava-se bem próxima da coronha do revólver calibre 38.

O sargento E.T. Edkin reuniu-se com seus homens e percebeu, de imediato, que não havia nada que pudessem fazer pela mulher. À primeira vista, a mulher loura deitada na cama parecia ter se matado. Ainda assim, após anos de experiência com homicídios, Edkin se perguntava se estaria, de fato, diante de um suicídio. Com a fita amarela que isola a cena de um crime, Edkin demarcou um perímetro em torno da casa e do quintal. A seguir, fez, para o detetive de homicídios, Marcus Head, que assumiu o caso, um resumo da sua suspeita de que aquela morte não era o que parecia ser.

Kelly Comeau então se aproximou e perguntou se alguém podia pegar roupas para os dois filhos de Jenn – que ainda estavam de pijama. A policial Michelle Johns foi até o segundo andar da casa e pegou calças, camisas, sapatos e meias no cômodo que era, obviamente, o quarto dos meninos. Olhando para dentro de outro quarto do segundo andar, viu as roupas de um adulto do sexo masculino, organizadamente penduradas num armário.

Peritos em cenas de crime do departamento de polícia e a equipe do departamento de Medicina Forense começaram a chegar. As mortes súbitas e/ou não assistidas eram tratadas primeiro como homicídios, a seguir como possíveis suicídios, em terceiro lugar como mortes acidentais e só então como naturais. Ninguém sabia, ainda, em qual das categorias, excluía a de morte natural, a de Jenn se encaixava. Um mandado de busca estava sendo obtido; os detetives tentavam localizar os parentes de Jennifer Corbin.

Nem Kelly Comeau nem o marido, Steve, sabiam onde estava Bart. Kelly conseguiu encontrar o telefone da mãe dele, Connie Corbin, que morava próximo. Steve ligou para ela às 8h45. “Jennifer foi baleada”, disse.

Connie então telefonou para o filho mais novo, Bobby, e lhe contou o que havia acontecido. Bobby disse que Bart estava com ele e que lhe daria a terrível notícia. Steve Comeau também ligou para Heather, irmã de Jenn, que morava a cerca de 40 quilômetros dali. Heather começou a chorar, gritando: “Jenn está morta!”

“Saímos pela casa reunindo os nossos filhos”, recordou Doug Tierney, marido de Heather. Então se dirigiram à casa de Max e Narda. “No carro”, prosseguiu Doug, “liguei para Bobby outra vez e perguntei: ‘Onde está o Bart? Está com você?’ E ele respondeu: ‘Está, está, sim, mas completamente transtornado.’”

Assim que ouviu a notícia sobre a morte da irmã, Heather começou a chorar: “Jenn está morta!”, gritou.

Doug perguntou se ele e Bart estavam indo para a casa dos Corbins. Bobby evitou responder. “Heather não parava de repetir: ‘Vamos! Vamos! Precisamos cuidar dos meninos.’” Doug perguntou a Bobby Corbin outra vez: “Vocês já estão a caminho?” Não houve resposta.

Doug não conseguia acreditar. Era claro que Bart se dava conta de que Dalton e Dillon precisavam do pai, não? Enquanto isso, lutando contra o pânico e a incredulidade, Max Barber entrou no carro e foi voando para a casa de Jenn.

Na cena do crime, os detetives esperavam que o viúvo de Jenn Corbin aparecesse a qualquer minuto. Imaginavam que chegaria aos prantos, que estaria transtornado mas que, como a maioria dos pais, seria capaz de se controlar e que correria ao encontro dos filhos naquele momento de crise. Oito horas se passaram até que Corbin desse algum retorno para os detetives.

A essa altura, já havia sido aconselhado por advogados, segundo Marcus Head. Concordou em ir até a delegacia para ser submetido a um teste de resíduo de pólvora, mas não responderia a qualquer pergunta – nem mesmo sobre que medidas tomara para garantir a segurança de sua casa.

Marcus Head conversou rapidamente com os meninos, que continuariam na casa dos Comeaus até os parentes chegarem. Dalton disse que tinha ido acordar a mãe para que ela preparasse o café-da-manhã e vira o sangue escorrendo de sua boca. Também havia visto a arma. “Tentei ligar para a polícia do nosso telefone”, contou, “mas não funcionou. Então corri até a casa da Kelly e do Steve para pedir ajuda.” Os meninos foram interrogados outra vez mais tarde, na delegacia. Quando um dos detetives perguntou a Dalton se ele não estranhara o fato de o telefone não estar funcionando, o menino respondeu: “Vai ver que o meu pai cortou o fio.”

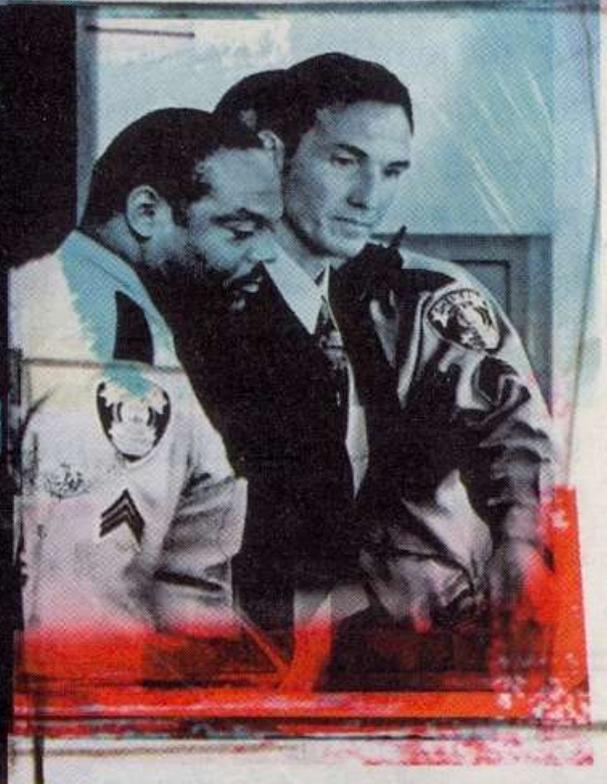
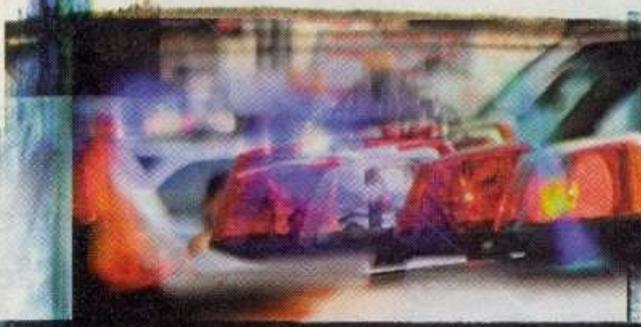
Uma explosão de raiva

Ao chegar à casa da filha morta, Max Barber ficou por um bom tempo dentro do carro, na frente da garagem, esperando para conversar com o genro. Heather, que continuava na casa da mãe, ligou para a polícia. Esperava que alguém conseguisse, com toda a urgência, levar Bart até a cena do crime. “A mulher que atendeu já estava convencida de que Jenn havia se matado”, recorda-se Heather. “Eu ficava tentando lhe dizer que Bart a havia assassinado, e ela continuava repetindo: ‘Mas, minha senhora, a senhora não entende o que aconteceu.’ E eu sabia que entendia, ela, não”, disse Heather. Jenn havia desabafado com a irmã e falou que estava começando a ter medo do marido.

Heather lembrou-se que, certa vez, enquanto tomavam café juntos, os dois casais discutiram a cobertura televisiva do julgamento de Scott Peterson. Haviam ficado atônitos diante da aparente satisfação de Peterson durante o julgamento pelo assassinato da mulher grávida, Laci, e do filho do casal, ainda no ventre da mãe.

“Conversamos a respeito”, recorda-se Heather. “Eu fiz algum comentário sobre Scott Peterson e sobre como tudo aquilo era horroroso. E Bart disse: ‘Scott Peterson só foi pego porque não soube ficar de bico calado.’”

Embora Jenn tenha tentado, ao longo dos anos, salvar seu casamento, em 2004 já não escondia o quanto ele se tornara vazio. Bart era emocionalmente abusivo, e ela só desejava se ver livre dele, desde que encontrasse uma forma de amenizar o sofrimento dos meninos. A melhor amiga, Juliet Styles, conhecia a sua luta, assim como a vizinha e amiga Kelly Comeau e, é claro, Heather. Todas torciam para que Jenn conseguisse ser feliz.



Ao se aproximar de Bart Corbin, os policiais não sabiam como ele reagiria. Ele tinha um histórico de comportamento agressivo.

O próprio Bart admitia que o casamento estava desmoronando. Jenn não queria mais dormir com ele, o que o angustiava profundamente. Ele sempre se orgulhara de ser um bom amante. Às vezes ligava para Heather e Doug e, até, para os pais da mulher, a fim de falar sobre o assunto. Jenn conversava com a mãe sobre seus problemas conjugais. Certa vez, disse a Narda, sem grandes rodeios: “Mãe, ele me dá nojo. Não tolero sequer a idéia de ele me tocar.”

Longe daquele marido confiante que passara anos traindo-a, Bart agora se agarrava a Jenn com unhas e dentes. Não podia permitir que uma mulher o deixasse. Quando, em outubro de 2004, Jenn mencionou o divórcio, ele já parecia esperar por isso. Implorou a ela que o deixasse ficar em casa até depois do Natal. Não poderiam ter um último Natal em família?

Pela primeira vez, Bart pediu perdão a Jenn; disse que sentia muito por tê-la feito sofrer. Ela concordou que ele ficasse até as festas de fim de ano, o que significava mais dois meses. Mas não sabia como iria agüentar. Um único acontecimento lhe deu um pouco de alegria: desesperadamente só, começou a trocar *e-mails* com alguém chamado Chris Hearn, que havia conhecido pela Internet num *site* de jogos. Quando contou a Heather sobre essa amizade virtual, a irmã lhe avisou: “Você não tem a menor idéia de quem é essa pessoa!”

Mas Jenn parecia se sentir reconfortada por aquele contato e trocou centenas de *e-mails* com “Chris”, cujo sobrenome – Hearn – não significava nada para Jenn porque ela jamais soube coisa alguma a respeito de Dolly Hearn, namorada anterior de Bart. Mas, quando Bart encontrou os *e-mails* e começou a lê-los, achou que Jenn havia descoberto algo sobre a morte de Dolly. Ele ficou irado. Depois do jantar de Ação de Graças na casa de Heather e Doug, quando mal dirigiu a palavra a qualquer um dos presentes, Bart soltou a sua ira sobre Jenn durante o trajeto de volta para casa. Gritou com ela e a esbofeteou. Dalton chorava histericamente, enquanto Dillon dormia.

Motivação para um homicídio?

Jenn se mudou para a casa da irmã e prosseguiu com os planos de divórcio, mas, no dia 3 de dezembro, disse a Heather: “Tenho de voltar para casa, ou vou perdê-la.” O próprio Bart deu entrada na papelada do divórcio. Andava se comportando de maneira estranha, segundo o irmão e os amigos. Saía sem destino, dirigindo no meio da noite. Provas indicariam que ele fizera uma viagem para o Alabama e que voltara com uma arma.

Enquanto a família de Jenn se preparava para o funeral, as investigações em torno de sua morte se intensificavam. Os investigadores vinham se inteirando sobre as terríveis desavenças que haviam marcado as últimas semanas de sua vida. Conversaram com as muitas pessoas próximas de Jenn e Bart. Amigos, parentes e vizinhos contaram histórias de medo, contrariedades e de um casamento que se deteriorava rapidamente.

À medida que os detetives do condado de Gwinnett se empenhavam para determinar como e por que Jennifer Corbin havia morrido, os do condado de Richmond, Scott Peebles e DeWayne Piper, conduziam uma investigação paralela sobre a morte de Dolly Hearn, que já completava 14 anos. Jornais e TVs da região de Atlanta, que se mantinham a par do caso Jenn Corbin, rapidamente recordaram o caso Hearn. Detetives das duas jurisdições identificaram as semelhanças e começaram a fazer conexões. Era também sabido que o pequeno Dalton Corbin havia deixado escapular que o pai dera um tiro na mãe, embora o promotor público do condado de Gwinnett, Danny Porter, não achasse que a afirmativa de um menino de 7 anos seria suficiente para um mandado de prisão.

Apesar das provas circunstanciais do caso da morte de Jenn, ainda não

havia prova alguma que indicasse homicídio. A arma encontrada em sua cama havia sido limpa para apagar impressões digitais, assim como acontecera com a arma do homicídio de Dolly Hearn.

Dois dias antes do enterro de Jenn, Kevin Vincent, investigador da promotoria, foi até o consultório de Bart Corbin em busca de informações. O local estava fechado. Uma placa dizia ter havido uma morte na família.

Um advogado, cujo escritório ficava ao lado do consultório de Bart, disse a Vincent que conversara com ele pela última vez na sexta-feira, 3 de dezembro, e contou que costumava trocar serviços dentários por conselhos jurídicos. O advogado sabia que Bart tinha temperamento instável, e, com frequência, era possível ouvi-lo gritar com seus funcionários.

O advogado contou que Bart havia lhe perguntado, “muito nervoso”, na

Bart soltou sua ira sobre Jenn quando voltavam para casa. Ele gritou com ela e a esbofeteou.

tarde anterior ao dia em que a mulher fora baleada, sobre qual dos dois ficaria responsável pelo pagamento da hipoteca em caso de divórcio. “Disse a ele que quem tivesse mais condições de pagar.” No caso, seria Bart, que ganhava mais como dentista do que Jenn como professora. O advogado observou que ele estava agindo de forma muito estranha naquela tarde. “Ele me disse: ‘Todo mundo me avisou para não casar com ela. Eu devia ter escutado. Mas logo, logo isso tudo vai acabar.’”

Os investigadores foram de porta em porta visitando os vizinhos mais próximos dos Corbins. Os acessos de raiva de Bart eram conhecidos. Um vizinho próximo disse que, em determinada ocasião, tinha achado necessário intervir para proteger Dalton de Bart. Os investigadores também descobriram que, embora tivesse dado entrada nos papéis do divórcio, Bart parecia estar sofrendo nos dias que precederam a morte da mulher. Se quisessem encontrar alguém com motivação para o homicídio, Bart era um provável candidato. Andava obcecado com a idéia de se vingar de Jenn. Ainda assim, ele se recusava a falar. Continuava a ir para o consultório e,

quase todos os dias, almoçava com a mulher casada com quem, segundo boatos, tinha um caso. Policiais e investigadores o seguiam o tempo todo.

Scott Peebles e o promotor Danny Craig andavam interessados nos depoimentos de 1990 dados pelo Dr. Eric Rader, que havia sido companheiro de consultório de Bart na faculdade de Odontologia. Rader contou que Bart lhe confessara haver chegado muito perto de matar Dolly. “Disse ter ficado esperando no estacionamento do prédio dela”, recordou Rader numa declaração. “Ele estava armado. E me disse que tinha a intenção de atirar nela.” Agora, em 2004, Peebles localizou Rader em sua clínica perto de Atlanta. Ele se lembrava de ter dado essa declaração em 1990? “Sim, me lembro”, respondeu Rader. “Lembro perfeitamente de Bart Corbin ter-me dito isso.”

Um júri ouviu os depoimentos, incluindo o testemunho de que Corbin confessara a um amigo que havia “encenado” o assassinato perfeito. Por volta de 22 de dezembro, um mandado de prisão acusando Bart Corbin de homicídio havia sido expedido pelo condado de Richmond.

Notificados de que ele poderia ser indiciado, os policiais do condado de Gwinnett esperavam prender Corbin em seu consultório. Dados os seus ataques de fúria, ninguém sabia como ele reagiria. Naquela manhã de quarta-feira, enquanto Bart atendia os seus pacientes, uma equipe de vigilância com quatro homens aguardava do lado de fora. Às 11h50, Bart e a mulher com quem vinha saindo deixaram o consultório juntos e caminharam em direção a um carro branco. Bart acomodou-se no assento do carona e a mulher assumiu a direção. Quando parou, os policiais se aproximaram. Cercaram o veículo, abriram a porta do carona e gritaram para que Bart erguesse as mãos. Ele não resistiu ao ser retirado do carro e algemado.

Bart ficou surpreso ao saber que estava sendo preso com um mandado expedido não no condado de Gwinnett e sim no de Richmond. O júri expedira um mandado em envelope selado, acusando-o de homicídio doloso no caso da morte de Dolly Hearn.

“Olhos de tubarão”

E no dia 5 de janeiro de 2005 ele também foi indiciado pelo júri do condado de Gwinnett. Depois de revistas todas as provas físicas e circunstanciais – incluindo o rastreamento das ligações de celular demonstrando que Corbin estava perto de casa por volta das duas da manhã, hora determinada pe-



As famílias de Jenn e Dolly rezaram para que fosse feita justiça por causa da terrível morte daquelas mulheres.

la perícia para a morte de Jenn -, Bart Corbin foi acusado de homicídio doloso, homicídio duplamente qualificado e porte ilegal de arma.

Se fosse considerado culpado pelos homicídios de Jenn e Dolly, Bart Corbin poderia pegar a pena de morte.

Os investigadores sabiam de onde havia saído a arma usada para matar Dolly Hearn: ela a ganhara do pai, para sua proteção. Segundo evidências, Bart Corbin havia estado no apartamento de Dolly quando ela morreu, e aquela era a arma que a matara. Mas qual a origem da arma, no caso do homicídio de Jenn? À medida que as datas dos dois julgamentos se aproximavam, o investigador de Danny Porter, Jack Burnette, e seus subordinados Mike Pearson e Russ Halcome usaram a tecnologia forense para ligar a pistola calibre 38 que matara Jenn a um velho amigo de Bart, do Alabama.

Richard Wilson estava bastante nervoso na sala de interrogatório. Ele morava em Troy, no Alabama. Sim, disse, tinha dado a pistola calibre 38 para Bart, que lhe havia telefonado para dizer que Jenn “o estava traindo” e que temia estar em perigo. “Ele precisava de uma arma para se proteger”, disse Wilson. “Perguntou se eu tinha uma. Eu tinha. Então veio buscá-la.”

Quando o revólver - o mesmo que havia sido tirado do quarto de Jenn - foi entregue a Richard Wilson, ele falou: “Certamente se parece com ele.”

No dia 15 de setembro de 2006, quase dois anos após a morte de Jenn,

Heather e Doug Tierney foram ao Tribunal de Justiça do condado de Gwinnett. A sala estava lotada com as famílias das duas mulheres, além dos investigadores dos condados de Gwinnett e Richmond, dos promotores públicos e suas equipes. As famílias haviam concordado em aceitar um acordo para a redução da pena – contanto que Corbin admitisse a sua culpa.

Bart Corbin entrou no tribunal entre seus dois advogados. Vestia um terno, e os olhos escuros pareciam dois buracos no rosto pálido. Levantou-se para enfrentar Danny Porter. Porter devolveu o olhar. Danny Porter descreveu a manhã de 4 de dezembro de 2004 e como um menino de 7 anos acordara e encontrara a mãe morta com um tiro na cabeça.

– O senhor cometeu o crime de homicídio doloso? – indagou Porter.

Corbin franziu a testa.

– Sim – respondeu.

“Não houve reação”, recordou Porter mais tarde. “Foi como olhar nos olhos de um tubarão.” Então, Danny Craig, promotor público do condado de Richmond, levantou-se para ficar frente a frente com Corbin.

– Além disso, o senhor admite ter cometido o assassinato de Dolly Hearn no dia 6 de junho de 1990?

– Sim – respondeu Corbin.

Ele recebeu duas sentenças de prisão perpétua. Segundo o acordo para redução de pena, as sentenças estão correndo simultaneamente, já descontados os 19 meses e meio que Corbin passou na prisão aguardando julgamento. Ele estará qualificado para liberdade condicional daqui a 14 anos, mas é pouco provável que consiga sair tão cedo.

Dalton e Dillon Corbin, hoje com 10 e 8 anos, vivem com a tia e o tio, Heather e Doug Tierney, numa casa cheia de primos, muita música, cães e gatos. Várias vezes, chamam Heather de Tia Mamãe. Heather desata a chorar quando fala de Jenn. Provavelmente, sempre será assim.

Dalton é um menino muito inteligente e ainda tem medo do pai. Dillon é menos emotivo. Nenhum dos dois jamais pediu para visitar o pai na prisão.

NATUREZA HUMANA

Notei o quão conscienciosa minha filha de 7 anos era quando tentei explicá-la sobre doação de órgãos. Ao terminar, ela exclamou: “Ah, então é como... reciclagem!”

Glenna Cairnie, Canadá